

“DE TODA VIDA MEU SONHO É DE TER UMA ÁGUA PRA MIM FAZER PLANTAÇÃO”

(Jesulina Malheiros Melo Santos - Fazenda Ventura)



Quando eu cheguei aqui, eu sofri muito trabaiano por dia pros outros. Eu não tinha terreno pra plantar. Eu plantava pros outros, de meia. Trabaiei muito nas fazendas, também, pra criá meus dois filhos. Eu tenho um casal de filho. Ai fui levano a vida. Depois quando a minina tinha 11 ano, meu marido morreu e eu fiquei criano os dois sozinha. Plantava uma coisa, plantava outra, mas não tinha água naquele tempo. De toda vida eu mexo com minhas plantinha, poquinho, mas tinha um pezim de cebola, um pezim de hortelão, um pezim de laranja. Só tem que os que eu plantei primero, morreu tudo, por causa de água que não tinha. Nós panhava água longe. Não tinha água aqui não.

A perda de seu companheiro, a distância percorrida diariamente para buscar água e tantas outras dificuldades, não fizeram dona Jesulina desistir da luta e do sonho. Primeiro conquistou a água de consumo humano, captada do telhado e armazenada numa cisterna de placa de 16 mil litros. Posteriormente a comunidade foi beneficiada com água encanada, mas não conseguia produzir por conta da grande quantidade de cloro. Pouco tempo depois, houve a conquista de outro sistema de abastecimento de água – um poço artesiano comunitário, que mesmo não tendo água suficiente para atender a demanda, permitiu que ela retomasse o plantio de algumas variedades no seu quintal. “Hoje eu tem pé de coqueiro, eu tem pé de manga, pé de laranja, limão, banana, maracugina, pokan, goiaba, romã. Eu tem quiabo, maxixe, melancia, pimentão, cebolinha, cuento, salsinha, rucla, couve, alho, tudo poquim, mas tem. De tudo eu tem um poquim”, relatou dona Jesulina.

Quando eu cheguei aqui, eu sofri muito trabaiano por dia pros outros. Eu não tinha terreno pra plantar. Eu plantava pros outros, de meia. Trabaiei muito nas fazendas, também, pra criá meus dois filhos. Eu tenho um casal de filho. Ai fui levano a vida. Depois quando a minina tinha 11 ano, meu marido morreu e eu fiquei criano os dois sozinha. Plantava uma coisa, plantava outra, mas não tinha água naquele tempo. De toda vida eu mexo com minhas plantinha, poquinho, mas tinha um pezim de cebola, um pezim de hortelão, um pezim de laranja. Só tem que os que eu plantei primero, morreu tudo, por causa de água que não tinha. Nós panhava água longe. Não tinha água aqui não.



Enquanto apresentava o seu quintal produtivo juntamente com o seu netinho Gustavo Henrique, dona Jesulina afirmou: “De toda vida meu sonho é de ter uma água pra mim fazer plantação. Ai eu falei, meu Deus será que agora eu vou realizar esse sonho?”. E o sonho se tornou realidade, com a conquista da tecnologia social de captação de água de chuva – cisterna calçadão, com capacidade para armazenar 52 mil litros de água, através da Articulação Semiárido Brasileiro (ASA), Rede formada por organizações da sociedade civil que luta por políticas de convivência com o Semiárido.

Ao se referir sobre a cisterna que acabara de conquistar, com um sorriso no rosto, dona Jesulina exclamou:



Se Deus ajudá que dá vida e saúde, aí eu vou plantá. A cisterna vai melhorar muito. A hora que ela tiver cheia de água, vai mudá muito. E ela tano cheia d'água, aí, todo dia eu tem água pra mim moiá e as plantas não vai sentir sede, né. Que com essa água que tá aí, um dia tem, um dia não tem. Com a cisterna, o mais que eu vou mexer é verdura, abroba, mandioca, pimentão, quiabo, couve, tomate. E quero produzi sem jogá veneno, por que doece a gente demais. Mata a gente. Cê como esse trem chei de veneno, chei de agrotóxico, fais mal pra gente. É melho produzi, pois o dinheiro que cê vai comprar verdura na fêra, cê deixa para comprá carne, comprá um remédio e já facilita pra pessoa. E se sobrá eu vou até vender pra ajudá. Isso é meu pensamento né. Eu estou muito, muito, muito feliz com a cisterna.

Um exemplo de resistência e esperança, a história de dona Jesulina vai se juntando à história de tantas outras mulheres agricultoras familiares, que enfrentando inúmeros desafios, foram transformando os sonhos em realidade e tecendo, dia após dia, a esperança de que é possível viver com dignidade e qualidade de vida nas terras semiáridas.